

Jazz

12 de setembro 2013

Ciclo "Isto é Jazz?"

Comissário: Pedro Costa

David Maranhã e Will Guthrie

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Qui 12 de setembro
21h30 · Pequeno Auditório
Duração: 1h · M3

Órgão David Maranhã Bateria Will Guthrie

Os paradoxos de dois outsiders

Nascidos em lados opostos do planeta, David Maranhã (órgão) e Will Guthrie (bateria) partilham uma característica: as músicas que criam em nome próprio ou inseridos em projetos coletivos ou de colaboração têm a particularidade de desafiar as categorizações estabelecidas. Mas – e aí é que está o que proporcionam de tão intrigante – não o fazem porque recusam totalmente as tipologias musicais existentes, na busca de um ilusório não-idiomatismo.

A questão é bem mais complexa, subtil e, diga-se mesmo, deliciosa. No caso do português está patente a influência do minimalismo e, mais recentemente, do psicadelismo rock. No que respeita ao australiano radicado em França, é nos circuitos da chamada música improvisada que o encontramos,

nele se identificando uma formação jazz em que foi interferindo o seu gosto pelo metal e pelo hip-hop, conseqüências de um passado como *skater* e *writer* de *grafittis*. O que acontece é que nem Maranhã cabe nos rótulos “pós-minimalistas” e “neopsicadélicos” que lhe são habitualmente atribuídos, nem Guthrie é o típico improvisador em permanente conflito com o património das linguagens que se designam como livres, mas que são tão normativas como as demais.

Este posicionamento comum atraiu-os e traduziu-se já numa gravação em duo. *Slide* está disponível para descarregamento grátis no sítio da Quatrelabel (<http://quatrelabel.com>), inserida na compilação *Les Aventuriers*, e parece ser apenas o primeiro passo de uma parceria que está para durar. David Maranhã explica como tudo começou: «No ano passado, uma digressão com Gabriel Ferrandini levou-nos até Genebra, onde tocámos num espaço de que gosto imenso, o Cave 12. O programador deste, Fernando Sixto, considerou que o nosso concerto e uma atuação a solo de Will Guthrie tinham sido, para ele, os melhores do ano. Descreveu-me a música do Will, que eu não conhecia, de uma maneira que me encheu de curiosidade. Disse-me que ele tocara durante uma hora completamente às escuras e que lhe tinha parecido impossível que uma só pessoa desenvolvesse tantas linhas rítmicas em simultâneo. De regresso a casa, ouvi o seu *Sticks, Stones & Breaking Bones* e confirmei essa impressão. Contactei-o imediatamente, na perspectiva de podermos trabalhar juntos, e aqui estamos.»

Maranhã tinha já editados um LP com o baterista português da área do *free jazz* com quem viajara pela Europa (*A Fonte de Aretusa*, Mazagran, 2011) e um CD com Z'ev, um percussionista de abordagens tribalistas que vão beber à tradição do vudu (*Obsidiana*, Sonoris, 2012). Ou seja, era clara a apetência para um diálogo intimista do seu órgão Hammond B-3 com os ritmos e as texturas providenciados pela percussão. Will Guthrie surgia como se fosse um misto de Ferrandini e Z'ev: assemelha-se ao primeiro nos elevados níveis de energia e ao segundo na construção de estruturas indutoras de estados de transe. Com a particularidade de, nessa equação, introduzir pulsações bem definidas e repetitivas, algo de estranho aos processos dos outros parceiros do organista.

Guthrie tem por imagem de marca definir um determinado padrão rítmico e explorá-lo até ao limite da sua capacidade física («é o corpo que decide, não a mente», informa) e por vezes indo, inclusive, mais além, levando até às últimas conseqüências uma prática rítmica que foi apanágio, por exemplo, do *funk* e do *krautrock*. Já teve, aliás, oportunidade de dizer em entrevista que o faz porque detesta algo que acontece frequentemente na improvisação: os desenvolvimentos por ondas em que se sobe a intensidade da música para, depois de um clímax, se cair pelo precipício abaixo até ao quase nada, pouco se podendo fazer então do que escalar novamente a falésia.

Maranhã, pelo seu lado, é o mais sistemático representante nacional

daquilo que ficou conhecido como *drone music*, com a substancial diferença de que nunca utiliza o instrumento que mais se identifica com esta tendência, o computador. Como Tony Conrad, Arnold Dreyblatt ou Phill Niblock, três assumidas influências (trabalhou, de resto, com o terceiro em diversas ocasiões), encadeia fluxos de som que, tal como o caudal de um rio, parecem constantes, mas incluem dentro de si uma miríade de pequeníssimos elementos em drástica mutação.

No presente contexto a dois, e indo ao encontro da vertente mais rock de projetos conduzidos por David Maranhã como o grupo Curia ou o seu álbum *Marches of the New World*, prevalecerão as repetições de elementos: «Vai ser uma *performance* essencialmente rítmica... sem *drones*. Comparando com o que fiz com Gabriel Ferrandini, este concerto poderá ser mais obsessivo. Houve um crítico que relacionou *A Fonte de Aretusa* com a interação de Mike Ratledge e Robert Wyatt nos *Soft Machine*, mas se já essa referência não me parece nada óbvia, com Will Guthrie os resultados são ainda mais difíceis de classificar. É isso que me atrai nele – admiro os músicos que são impossíveis de catalogar, a exemplo de *Moondog*.»

Como afirma o próprio Guthrie: «Fazer música que se desenvolve lentamente em longos períodos de tempo não é necessariamente ser minimalista, como La Monte Young ou Niblock, que conheço muito bem e até já organizei um concerto com ele em Nantes, onde vivo. Acho que é preciso tirar da música a ideia de “género”. A música que

aprecio mais é aquela que ultrapassa o fator “género” ou “estilo” e por isso é que gosto de tocar com músicos que tenham *backgrounds* distintos do meu e distintos uns dos outros, a fim de evitar os estereótipos. Improvisar não faz com que eu toque “música improvisada” – a improvisação é uma metodologia presente em vários idiomas musicais, não um idioma à parte. Em Melbourne há uns tipos do flamenco que tiram o tapete debaixo dos pés a muitos “livre-improvisadores”.»

Will Guthrie estudou com um dos mestres absolutos da bateria jazz, Tony Williams, e entrou neste idioma, ainda jovem, pela mesma porta que deu acesso a muitos outros: Weather Report. Se depois saiu desse confinamento, talvez tenha contribuído para tal o facto de ter nascido na Austrália. «Deve ser o efeito da cultura Larrikin» – explica. «A Austrália foi colonizada por criminosos condenados pela Justiça do Reino Unido, pelo que sempre tem havido no meu país uma postura de rebelião contra o sistema. A boa música australiana é uma música de oposição. Valorizam-se os posicionamentos *outsider*, procurando-se estar “fora”, até, das cenas que estão “fora”. Isso levou a que se pretendesse definir uma maneira australiana de entender a improvisação, mas julgo que não se conseguiu realizar esse objetivo porque, lá está, implicava uma ação em bloco. Pela minha parte, desisti de forjar uma identidade australiana na minha música.»

Ser australiano significa, nesta lógica, a impossibilidade de fabricar uma fórmula australiana de ser. O trajeto de

David Maranhã em Portugal contrastou em solidão, durante muito tempo, com as vivências daquela parte do mundo. Nas décadas de 1980 e 90 a atividade do coletivo que fundou com o seu irmão André, Osso Exótico, deparou-se com a incompreensão da imprensa e do público, que não conseguiam relacionar a produção do grupo com o que, na altura, se entendia como “experimentalismo” ou “vanguarda”, nem com a geral movimentação das bandas de rock alternativo que se iam multiplicando. Ser português determinava que, mesmo em situações de desvio à norma, se alinhasse com o que toda a gente fazia, sem outros individualismos que não os de cada um tratar da sua própria horta. Ora, Osso Exótico era uma carta não fora do baralho, mas estranha a este.

Apesar disso, depressa se tornou objeto de culto a nível internacional. Will Guthrie: «Há muitos anos que ouvia falar do David e já tinha conhecido alguma coisa do seu trabalho. Dados os nossos interesses comuns, não tive dúvidas em iniciar uma colaboração com ele. Não tinha muitas outras ligações com a cena portuguesa: toquei há uns anos com a contrabaixista Margarida Garcia na ZDB e acompanho as edições da Clean Feed, que me vem revelando a mais recente música de Portugal.»

O ouvido atento de David Maranhã também tinha chegado à Oceânia: «Gosto bastante do que vem da Austrália e da Nova Zelândia e de músicos como J.G. Thirlwell, Nick Cave e Dead C. Aliás, eu e Patrícia Machás temos um quarteto, o Organ Eye,

com a dupla dos Minit, os australianos Jasmine Guffond e Torben Tilly. Lançámos um disco na Staubgold. É uma questão de empatia, não de coincidência formativa. A mesma empatia que foi agora possível, em Serralves e em Bruxelas, com o japonês Akio Suzuki, que pela sua extrema delicadeza está nos antípodas de Will Guthrie. O meu reencontro com o Will vai ter igualmente um carácter ritualístico, mas será muito mais monolítico e volumoso.»

Gigantesco mesmo, numa configuração hipnótica próxima do *noise*, e isso apesar do reduzido *setup* baterístico de Guthrie e das discretas dimensões do órgão utilizado pelo também arquiteto lisboeta, as ideais, como este sustenta, «para viajar em *lowcost*». Paradoxos, sempre e em todos os pormenores da vida destes eternos “opositores”...

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista “online” jazz.pt

David Maranhã órgão

David Maranhã nasceu em 1969 na Figueira da Foz. Em 1986 começa a desenvolver o seu trabalho como músico em diversas formações e a solo. Forma, em 1989, o grupo osso exótico, sendo à data a banda composta também por André Maranhã, António Forte e Bernardo Devlin. O grupo tem vindo a desenvolver trabalho continuado desde então, sendo a formação atual composta por André Maranhã, David Maranhã, Francisco Tropa, Manuel Mota e Patrícia Machás. Formou também Organ Eye com Patrícia Machás e os australianos Torben Tilly e Jasmine Guffond, com quem editou um álbum homónimo na Staubgold (Alemanha); Bowline com Francesco Dillon no violoncelo (editaram *Bowline* na Sonoris, França); o grupo Curia com Manuel Mota e Margarida Garcia na guitarra elétrica e Afonso Simões na bateria (editaram *Curia I* na Fire Museum, EUA, e *Curia II* na Headlights, Portugal); Dru com Manuel Mota na guitarra elétrica e Riccardo Wanke no fender rhodes.

Tem colaborado com diversos músicos como Z’EV, Emmanuel Holterbach, Helena Espvall, Phill Niblock, David Grubbs, Andrea Belfi, Jochen Arbeit, Minit, Pete Simonelli, David Daniell, Arnold Dreyblatt, Jacob Kirkegaard, Carla Bozulich, Chris Cutler, Werner Durand, Robert Rutman, Ben Frost e Helge Sten, entre outros.

Paralelamente tem desenvolvido trabalho como arquiteto desde 1993, elaborando projetos de obras públicas

como museus, escolas, hospitais, lares de idosos e cemitérios.

Will Guthrie bateria

Will Guthrie é um baterista/percussionista australiano, residente em França.

Trabalha a música de formas diferentes: faz *performances* ao vivo, improvisações e trabalho de estúdio, usando combinações variadas de baterias, instrumentos de percussão, objetos vários, *junk*, amplificadores e eletrônicas.

Estudou jazz e músicas improvisadas no Victorian College of the Arts em Melbourne, Austrália, e ao lado de Ren Walters deu início a uma série de concertos semanais, 'Improvised Tuesdays', agora conhecidos como 'Make It Up Club'. É o espaço mais antigo na Austrália dedicado à música improvisada e também experimental. Em Nantes, França, faz parte do coletivo CABLE#, que também organiza com regularidade concertos e um festival anual. Dirige a editora de música experimental improvisada, com venda por correspondência, Antboy Music.

Apresenta-se a solo, usando combinações diferentes de baterias, percussões, amplificadores e eletrônica com o minimalista/maximalista trio de *free jazz* The Ames Room, com o duo Elwood & Guthrie, dedicado a uma particular visão do *folk* dos apalaches, assim como com o ensemble Thymolphthalein, que tanto toca música eletrônica como música improvisada ou escrita.

Colabora ou já colaborou com Jean-Luc Guionnet, Clayton Thomas, Scott

Stroud, Jérôme Noetinger, Anthony Pateras, Erell Latimier, Matthew Earle, Adam Sussmann, Ferran Fages, Jean-Philippe Gross, Greg Kingston, Helmut Schafer, Keith Rowe, Ren Walters, Mark Simmonds e Snuff Puppets, entre outros.

Will vive em Nantes, França.

Próximo espetáculo

Mário Laginha Trio

Jazz Qua 18 setembro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h15 · M3

Piano Mário Laginha **Guitarra portuguesa** Miguel Amaral **Contrabaixo** Bernardo Moreira

A história deste trio conta-se depressa. Resulta de uma atração e de uma interrogação. Atração pela guitarra portuguesa que vem desde a minha adolescência – quando ouvia obsessivamente Carlos Paredes – e que nunca deixou de existir, alimentada pelos talentos de Pedro Caldeira Cabral e de Ricardo Rocha, que brilhantemente expandiram o universo da guitarra portuguesa enquanto instrumento solista. A interrogação tem a ver com o facto de a guitarra portuguesa raramente ter sido utilizada noutras áreas musicais apesar do seu enorme potencial. É quase um enigma. E aqui entra na história um incrível guitarrista – Miguel Amaral – que conheci há quatro anos. A sua musicalidade, o seu virtuosismo e o seu fascínio pela procura fizeram-me querer experimentar esta formação – piano, guitarra portuguesa e contra-



© Bernardo Sasseti

baixo. Eu não toco com instrumentos, toco com pessoas, e na realidade aquilo que mais me entusiasma é tocar com o Miguel e o Bernardo, que são grandes músicos. Com eles a ideia de busca de uma identidade neste universo contaminado pelas mais variadas influências não tem nada de assustador e tem tudo de apaixonante.

Todas as histórias têm um princípio. A deste trio começa hoje. Aqui.

Mário Laginha

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Estagiárias:

Luísa Fonseca

Patrícia Carvalho

Raquel Oliveira

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Álvaro Coelho

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Graça Fonseca

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Inês Hipólito

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
